



A QUESTÃO DE ANGOLA

O reconhecimento pelo Estado português do Governo da chamada República Popular de Angola, pelo General Costa Gomes, em consonância com a política do Governo Provisório, do Conselho da Revolução e dos partidos da coligação governamental, constitui mais uma manifestação da política de vende-pátrias dos actuais órgãos do poder, que mereceu e merece a viva repulsa e indignação da maioria do povo português.

Mas será que o povo português está contra o direito inalienável do povo angolano à separação e completa independência política, económica e cultural, ao direito de decidir o seu próprio destino?

Não, de modo algum. A classe operária e o povo português sempre estiveram ao lado do heróico e sacrificado povo angolano que de armas na mão deu o exemplo na luta contra o secular jugo opressor de que era vítima infligindo pesadas derrotas ao exército colonial-fascista. Desde o dia da sua constituição que o MRPP sempre chamou a classe operária e o povo português a apoiar com todas as forças e sem desfalecimento a justa e heróica luta do povo irmão angolano contra o colonialismo, o imperialismo e a guerra colonial-imperialista, colocando-se à frente das suas lutas de massas. Enquanto isto os revisionistas do P"C"P de Barreirinhas Cunhal sempre propugnaram pela política contra-revolucionária burguesa do "referendum", das "negociações prévias" e do "debate nacional", recusando sempre a exigir e a defender a independência imediata, incondicional e completa para os países sob dominação colonial. O seu objectivo era o de preparar as condições para o saque e rapina das ex-colónias pelo social-imperialismo revisionista soviético.

A atitude dos marxistas-leninistas, do MRPP, da classe operária portuguesa é uma atitude verdadeiramente internacionalista, é a política que denuncia que a verdadeira tragédia do que se está a passar em Angola não é mais que a consequência da chamada política de "descolonização" dos sucessivos Governos Provisórios, uma política neo-colonialista e de guerra ao serviço dos imperialistas e social-imperialistas.

Quando o militante do P"C"P e agente do KGB, Rosa Coutinho, enviado por Spínola para Angola como alto-comissário, começou a entregar armas e os equipamentos militares das forças armadas colonialistas a um dos movimentos de libertação, o nosso Partido, o MRPP, desmascarou prontamente aos olhos do povo português e denunciou abertamente a política de ocupação de Angola pelo social-imperialismo revisionista soviético prosseguida pelos Governos Provisórios de Vasco Gonçalves e com a autorização do Conselho da Revolução da altura.

Quando os partidos da coligação governamental especialmente o P"C"P, para romperem o seu isolamento junto do povo pretenderam que era preciso continuar os embarques e a guerra em Angola em defesa dos 300 000 portugueses de lá, foi ainda o MRPP o único partido que se ergueu e explicou ao povo que a política que estava a ser seguida na questão angolana era contra o povo de Angola, contra o povo português e, acima de tudo, contra os 300 000 "portugueses de lá", os quais estavam a ser vítimas de uma confabulação maquiavélica e a ser usados como carne para canhão. A tragédia de centenas de milhares de retornados pobres aí está para atestar a verdade inegável da nossa política.

Angola é palco duma áspera e acesa disputa entre o imperialismo e o social-imperialismo revisionista soviético, centrada sobre a questão de saber qual das duas superpotências exercerá a hegemonia, o saque e a rapina sobre o povo e a pátria angolanos. Uma das causas de Angola ser assim tão cobiçada é, sem dúvida, a de possuir inúmeras riquezas no subsolo, no momento em que o problema do abastecimento e controlo das fontes de matérias-primas se acentua à escala mundial. A posição geográfica de Angola no contexto da África Austral também contribui para ser alvo de acérrimas disputas neo-coloniais. Encontrando-se num dos portos da rota do petróleo, tendo como infra-estrutura essencial o caminho de ferro de Benguela que escoia o minério da cintura do cobre, Angola serve ainda de flanco aos fortes interesses do domínio militar do Atlântico Sul e das Ilhas Atlânticas da Costa Africana, hoje pontos de apoio militar-chave dado que a actividade militar submarina, os foguetões de carga nuclear e a aviação estratégica têm importância vital para o hegemonismo imperialista e social-imperialista.

Ainda o dia da independência não chegara e já o social-imperialismo revisionista soviético, apoiando-se nos seus agentes e lacaios de Angola e Portugal, introduzia naquele país oprimido um exército de mercenários russos, checos e cubanos. Não poupando capital atravessou oceanos, estabeleceu uma linha marítima e aérea de mais de 10 mil quilómetros para o envio de homens e de toda a espécie de armas das mais sofisticadas, incluindo foguetões, aviões e carros de combate.

Sob a capa hipócrita de "ajudar" o povo angolano, os novos czares do Kremlin prepararam e desencadearam em Angola uma guerra civil contra-revolucionária que causou mais mortos (150 mil) do que durante os 14 anos de guerra colonial-fascista, lançando angolanos contra angolanos, explorados contra explorados, para poder atingir os seus desígnios de super-potência exploradora.

Quando o povo angolano se empenhava numa árdua luta para se livrar do jugo colonial português o revisionismo soviético nunca se empenhou em prestar-lhe uma ajuda séria. Mas após o povo angolano ter conquistado a independência, ei-los a fornecerem uma grande quantidade de armas mortíferas para impedir a formação de

um governo de unidade. Pode um verdadeiro país socialista agir assim? Esse comportamento do revisionismo soviético comprova exactamente que, como Hitler a seu tempo, eles são uma corja de imperialistas e ferozes reaccionários que encobrem a sua natureza pirata e imperialista sob a bandeira do socialismo. Enaltecendo um dos movimentos de libertação e condenando os outros o Kremlin sabotou os acordos entre as três organizações de libertação, dividiu o governo de transição saído desses acordos e que simbolizava a união nacional e provocou a guerra fratricida.

Rivalizando entre si, o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo revisionista soviético conluiam-se para explorar os povos do mundo e dividir o mundo em esferas de influência. O que é o reconhecimento da chamada República popular de Angola por países afectos a cada uma das duas super-potências senão o resultado do acordo sobre redivisão de Angola, que o imperialismo americano e o social-imperialismo russo entre si assinaram no último encontro Brejnev-Kissinger? o reconhecimento da chamada RPA, feito por Costa Gomes, imposto pelo P"C"P, encontrou acordo tácito dos demais sectores da burguesia, reflexo no nosso país desse acordo entre as duas super-potências. Os partidos conciliadores, como o partido dito socialista, que ontem, aparentemente, não apoiava o reconhecimento, resvala hoje para o apoio à política social-fascista do P"C"P, estabelecendo neste acto e a partir daí a santíssima aliança reaccionária que tem vindo a desenvolver em toda a parte.

Nenhum partido da burguesia denunciou nem podia denunciar, o significado político e as consequências para o povo português do acto do reconhecimento.

Só o nosso partido o fez e desmascarou o que esse reconhecimento implica.

Reconhecer o governo da chamada República Popular de Angola é reconhecer um governo que violou e rasgou os acordos livremente assumidos no Alvor.

Reconhecer o governo da chamada República Popular de Angola é reconhecer um governo racista que perseguiu e expulsou centenas de milhares de retornados pobres, só porque eram brancos.

Reconhecer o governo da chamada República Popular de Angola é reconhecer um governo colocado no poder por uma agressão militar socia-imperialista, é capitular perante a agressão e reconhecer o agressor.

Reconhecer o governo da chamada República Popular de Angola é reconhecer um governo que os social-fascistas do P"C"P fizeram e legitimar a política golpista dos social-fascistas do P"C"P. Os órgãos do Poder podem reconhecê-lo e legitimar os futuros 25 de Novembro, mas o povo português está contra o reconhecimento!

São grandes para o povo português, para o povo angolano e para os povos de África as consequências deste acto de reconhecimento.

Em primeiro lugar, ele constitui a vitória de um golpe social-fascista em pequena escala, orquestrado no aparelho de Estado, a coberto da santíssima aliança do P"C"P com o P"S".

Por outro lado, a submissão aos social-imperialistas dos sectores da economia ligados a certos sectores da burguesia e que dependiam dos mercados coloniais. Alguns números recentes mostram-nos que no sector dos vinhos, 60 % das exportações era para a ex-colónia, no sector de gorduras e óleos vegetais, 47 %, calçado e chapéus, 47 %, indústrias químicas, 34 %, metais comuns, 46 %, máquinas e aparelhos, 34 %, bem como no que se refere ao sector dos transportes quer marítimos quer aéreos dependiam no essencial das ligações com as ex-colónias. Através das posições de controlo dos mercados em Angola, através dos social-fascistas do P"C"P vão procurar exercer a chantagem para obrigar esses sectores em crise a apoiarem a sua política. Através da criação da agência de navegação AMINTER é todo o comércio externo com Angola e o resto do mundo, que os social-imperialistas também procuram controlar. Quanto aos retornados pobres a sua política é a de que podem voltar para Angola desde que ajoelhem aos ditames do P"C"P.

Outra consequência do reconhecimento é a libertação dos agentes do KGB em Angola agora mais disponíveis para preparar, em Portugal, um golpe social-fascista do mesmo tipo. Desmascarados frente ao povo português, os agentes do KGB do tipo Varela Gomes ou Costa Martins encontram-se por lá a executar as tarefas que pretendiam cá executar.

Mas Angola constitui também neste momento, a base fundamental para o desencadeamento das operações de envolvimento do social-imperialismo na África Austral. Daí que as armas soviéticas continuem a entrar em Angola e que, nesta neo-colónia da URSS, as forças cubanas tenham passado de 12 000 para 25 000 homens.

O povo português está com o povo angolano, apoia a sua justa luta pela salvaguarda da Independência e da Soberania Nacionais e estará sempre a seu lado. Mas estará sempre contra e combaterá sempre o imperialismo, o social-imperialismo, o hegemonismo das duas super-potências e todos os seus lacaios.

Os partidos que apoiam a agressão contra o povo angolano e reconhecem "os direitos" do agressor, e que nestas eleições vão tentar iludir mais uma vez o povo como se fosse uma coisa muito benéfica; estão a legitimar antecipadamente a agressão imperialista e social-imperialista contra o nosso próprio povo, contra o nosso país e contra a nossa pátria.

Estão a encorajar as agressões e os agressores. Estão a encorajar os golpes de fascistas e social-fascistas. Estão contra o povo.

O MRPP e a sua Candidatura Operária conclama a classe operária e o povo a erguerem a bandeira do internacionalismo e da solidariedade com a luta do povo oprimido de Angola contra o neo-colonialismo e o social-imperialismo, contra os novos czares do Kremlin!

SECRETARIADO NACIONAL
DA CANDIDATURA OPERÁRIA
DO MRPP

Lisboa, 9 de Abril de 1976

Lê, a propaganda do Secretariado Nacional da Candidatura Operária.

5 / VIVA O MOVIMENTO CAMPONÉS

A publicar:

AOS RETORNADOS POBRES

ABM